



**A ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS TORCEDORES COMO UM MOVIMENTO DE
RESISTÊNCIA NO FUTEBOL**

Luiza Aguiar dos Anjos¹

RESUMO

Evidencia-se que o futebol é o esporte mais praticado no Brasil, sendo ainda palco de análise dessa sociedade ao expor seus valores, perspectivas, anseios e valores (DAMATTA, 1982). Contudo, imaginário coletivo sobre esse esporte tende a vislumbrá-lo sobre óticas limitadas e estáticas. Sob esse entendimento, os acontecimentos que cotidianamente e historicamente deram e dão forma ao futebol parecem lineares e livres de tensões. Os sujeitos que mais parecem silenciados nesse processo são os torcedores, vistos como meros coadjuvantes desse esporte. Buscando desconstruir essa lógica e reconhecendo o dinamismo dos fluxos de poderes inerentes às relações sociais, esse trabalho visa analisar as práticas de resistência de alguns agrupamentos de torcedores que ao longo da história buscaram de forma institucionalizada a participação decisória sobre o futebol, focando em seguida, na Associação Nacional dos Torcedores.

Palavras-chave: futebol, torcedor, resistência.

ABSTRACT

It's clear that football is the most practiced sport in Brazil, and it's a stage of analyses of the society showing its values, perspectives, concerns and values (DAMATTA, 1982). However, the collective imaginary about sports tends to see it through a limited and static point of view. Under this understanding, the events that historically and routinely gave and keep giving shape to soccer seem linear and tension free. The subjects that seem more muted in this process are the fans, seen as mere supporters to this sport. Seeking to deconstruct this logic and acknowledging the dynamic flows of power inherent in social relations, this study aims to examine the motivations and practices of resistance of some groups of fans who throughout history have sought, in an institutionalized structure, participation and decision making, focusing then on the Associação Nacional dos Torcedores (National Association of Supporters).

Keywords: soccer, fans, resistance.

RESUMEN

¹ Mestranda em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais.



Se puede observar fútbol es el deporte más practicado en Brasil, y es la etapa de análisis de la sociedad para exponer sus valores, perspectivas, inquietudes y valores (DAMATTA, 1982). Com todo, el imaginário colectivo sobre el deporte tiende a echar un vistazo de ella en óptica limitada y estática. Bajo este entedimiento, los acontecimientos que históricamente y de manera rutinaria dieron forma a el fútbol parecen lineales y libres de tensión. Los temas que parecen moderados en este processo son los hinchas, visto como el mero apoyo a esse deporte. Tratando de deconstruir esta lógica y reconociendo la dinámica de los flujos de poder inherente em las relaciones sociales, este estudio tiene como objetivo examinar las prácticas de resistencia de algunos grupos de hinchas que a lo largo de la historia tratado de manera institucionalizada uma participación dispositiva, centrándose después em la Associação Nacional dos Torcedores (Asociación Nacional de Hinchas).

Palabras-clave: fútbol, hinchas, resistencia

Não há dúvida sobre a marcante presença do futebol na vida de praticamente qualquer cidadão brasileiro. Não é possível nem mesmo àquele indivíduo que abomina o jogo dizer que ele não lhe afeta de alguma forma. Muito possivelmente ele já foi incomodado por gritos e buzinas de torcedores comemorando uma vitória, já notou as cores dos times da cidade saltando aos olhos em dias de clássico e já teve um dia facultativo no trabalho devido a um jogo da seleção brasileira. É ainda por meio dos impostos pagos por todo brasileiro, inclusive dos não-torcedores de futebol, que o Estado viabilizará a Copa do Mundo em 2014. Assim, se não lhe toca os olhos, ouvidos e sensibilidade, certamente o bolso não estará imune aos efeitos do futebol.

A dimensão que o futebol possui na sociedade é motivo suficiente para o interesse da Academia em torná-lo objeto de análise. Durante muitos anos, contudo, o foco de estudo dado a ele era basicamente biológico. Principalmente a partir da década de 1980, contudo, isso mudou. Sob a ótica das ciências humanas e sociais, o número de pesquisas que analisam esse fenômeno foi aumentando consideravelmente ao longo dos anos².

Segundo Freitas (2006), contribuiu para esse despertar o movimento intelectual denominado “Nova História”, que passou a atentar-se para a importância dos fatos cotidianos na narrativa histórica, sendo o esporte uma das manifestações relevantes. Tratando dos estudos brasileiros, a obra de Roberto DaMatta (1979; 1982) é certamente notável para o início desse processo de iluminação do futebol

² O Levantamento da Produção sobre o futebol nas Ciências humanas e Sociais de 1980 a 2007 (SILVA et. al., 2008) mostra que na década de 1980 já havia produções sobre futebol, porém em número relativamente baixo. A partir da década de 1990 até 2007, contudo, evidencia-se expressivo aumento.



enquanto conteúdo a ser estudado pelas ciências humanas³. Em suas obras, o autor defende que essa prática é uma dramatização da sociedade, expressando-se por meio de uma perspectiva de regras, relações, gostos e ideologias.

Essa visão contrasta com a de outra série de intelectuais que aponta o futebol como o *ópio do povo*, responsável por distrair as mentes das massas populares evitando que esses percebessem as mazelas por que passavam causadas pelo descaso estatal. Idéia semelhante construiu Adorno (1986 In FREITAS, 2006) ao dizer que o esporte, como vítima da Indústria Cultural, estava se prestando ao mesmo serviço que a indústria, a de disciplinar e coisificar o indivíduo. Ele fazia coro aos demais estudiosos da Escola de Frankfurt que ao longo das décadas de 1960 e 1970, por meio da Teoria Crítica do Esporte, apontavam que o esporte era um aparelho ideológico do Estado, cuja função era de controle, manutenção e reprodução do sistema político-econômico por meio da dominação do homem-massa (HOLLANDA, 2009).

Certamente são muitos os exemplos de utilização do futebol e de outros esportes para fins políticos e culturais não louváveis. Não podemos, contudo, atribuir ao esporte um caráter essencial, ahistórico e pré-discursivo. Ele não é assim bom ou ruim *a priori*, ele será o que fizermos dele. Dessa forma, entendo que ele pode ser utilizado como instrumento de manipulação de massas bem como configurar-se como uma legítima e saudável – física e socialmente - prática de lazer.

Avançando sobre o entendimento do futebol que proponho nesse estudo, penso na sua vivência, tanto por meio da prática como da assistência, como uma possibilidade de experiências de lazer (MARCELLINO, 1996), compreendido como uma dimensão da cultura, evidenciado por meio de vivências de manifestações culturais, tecendo relações dialógicas com outras instâncias dos sujeitos, mais atreladas ao âmbito das obrigações (GOMES, 2004).

Entendo que a superação do conceito restrito de lazer enquanto atividade responsável por repor as energias dos trabalhadores preparando-os para uma próxima jornada pode contribuir para esse avanço dos estudos do esporte e, nesse caso específico, do futebol.

Sob essa nova ótica, estudar o futebol pressupõe reconhecer que ele é parte da cultura, é uma prática dinâmica e vinculada aos demais âmbitos da vida, ele é uma manifestação historicamente construída e constantemente modificada num eterno processo de ação e reflexão ocorridos dentro dos conflitos cotidianos de seus atores nesse e em tantos outros espaços.

Um importante aspecto que perpassa diversos estudos sobre futebol é a relação de afetividade entre os torcedores e seus clubes, que transcende a mera admiração estética do jogo, chamada por DAMO (1998) de *pertencimento clubístico*. Certamente compreender o pertencimento clubístico é fundamental para o entendimento das relações que se estabelecem no futebol. Damo (2002) expõe a força do torcer

³ Apesar da importância da obra de Roberto DaMatta, de 1979, no desenvolvimento do futebol enquanto objeto de estudos das ciências sociais ele não foi o primeiro a se debruçar sobre a temática. Bernardo Buarque de Holanda (2009) afirma que o primeiro trabalho acadêmico dedicado ao tema no Brasil foi lançado em 1974. Cf. FERNÁNDEZ, M. do C.L. de O. Futebol – fonômeno lingüístico: análise lingüística da imprensa esportiva. Rio de Janeiro: PUC; Editora Documentário, 1974. Além disso o mesmo autor cita que em 1970 o professor da USP José Sebastião Witter já oferecia um curso com essa temática, mostrando o despertar anterior de tal interesse (WITTER, José Sebastião. O que é futebol. São Paulo: Brasiliense, 1990).



nessa dinâmica ao defender que a opção clubística transcende o próprio futebol fazendo com que muitas pessoas com pouca ou nenhuma prática do esporte se tornem torcedores de um clube.

Dessa maneira, é impossível deixar de reconhecer os torcedores como atores fundamentais dessa prática, ainda que observados sob uma perspectiva acrítica eles pareçam ser meros espectadores do esporte construído controlado por dirigentes e pela mídia.

Assim, busco nesse texto demonstrar como os torcedores desenvolveram formas de resistência a imposições e restrições dentro da dinâmica de disputa de poderes do futebol, evidenciando os constantes tensionamentos nas relações entre os sujeitos envolvidos nessa prática. Foco minha análise nas práticas associativistas, centrando-me em especial na Associação Nacional dos Torcedores.

FUTEBOL BRASILEIRO: UM BREVE ESBOÇO DA ATUALIDADE

Quem já ouviu essa história? O futebol teria chegado da Inglaterra ao Brasil vestido de gala, implantado nas grandes cidades por nobres que retornavam de seus estudos no velho continente trazendo a bola, os jogos de uniformes e o livro de regras. De forma bastante semelhante ouviu-se a história de Charles Miller em São Paulo, Oscar Cox no Rio de Janeiro e Vitor Serpa em Belo Horizonte. Nessa história, só foi permitido aos populares participar do jogo quando se mostraram notadamente mais habilidosos do que os nobres, e os clubes passaram a considerar o desejo da vitória mais importante que a manutenção da fidalguia do jogo.

Certamente houve considerável desenvolvimento e popularização do esporte entre as elites pelo caráter aristocrático que um esporte vindo da Europa transmitia. É fato também que Miller e os demais mitos de origem tiveram considerável importância, em especial na organização e institucionalização do esporte por meio da criação de clubes e da organização de campeonatos. O que questionamos é como essas e outras narrativas excluem, silenciam e passivizam as camadas populares, deixando-as sempre como coadjuvantes da História. A reprodução dessas narrativas que tomam as cronologias dos fatos tal como estipulados pelos jornalistas da área é, em grande medida, justificada pela escassez de estudos sobre os esportes difundindo no senso comum uma concepção unívoca de história (HOLLANDA, 2009).

Obras recentes analisam essa emergência popular ao futebol de forma diferente. Pereira (2000), ao analisar a história social do futebol no Rio de Janeiro no início do século XX, mostrou como apesar da tentativa dos nobres de manter o futebol como algo exclusivamente fidalgo e distinto - por meio de altas jóias de ingresso⁴ e mensalidades nos clubes e da proibição da presença de trabalhadores braçais e negros nos campeonatos -, o futebol rapidamente popularizou-se também entre os populares. Sua invasão na prática do novo *sport* se fez das mais distintas formas, seja debruçando-se sobre muros dos estádios para acompanhar os jogos dos times tradicionais e selecionados estaduais ou nacionais, praticando-o em campos improvisados ou até mesmo em clubes que se organizavam em ligas mais modestas.

⁴ Quantia em dinheiro pagas pelos novos membros para o clube no momento de seu ingresso.



Era evidente que não havia passividade diante da lógica imposta pelos poderosos. Os atores dessa nova prática se incomodavam e se acomodavam, constantemente criando novos limites de sua presença. Suas ações podem ser pensadas como manifestações de *agenciamento*, definido por Freire Filho (2007) como a

capacidade mediada socioculturalmente de agir de modo propositado (e, por vezes, criativo) diante de imposições coercitivas e estados de dominação, impedindo, fortalecendo ou catalisando mudanças em normas, sanções e hierarquias culturais e sociais (p.13).

Façamos agora uma viagem no tempo para analisar quais os conflitos que enfrentamos no futebol contemporâneo no Brasil.

São muitos os exemplos de clubes cronicamente endividados e administrados de forma irresponsável. A desigual disputa financeira com os clubes europeus - e agora também com clubes árabes, chineses, japoneses - faz com que nossos jogadores partam para campos internacionais ainda enquanto promessas. Isso enfraquece o futebol nacional⁵ e limita nossas possibilidades de acompanhar nossos maiores craques aos jogos da seleção ou, para os privilegiados, aos campeonatos internacionais por meio da TV a cabo.

Esse processo modifica ainda o processo de geração e manutenção de novos ídolos clubísticos. Diante do novo cenário em que os destaques não se mantêm por muitas temporadas e por vezes acabam até mesmo passando a jogar nos clubes rivais, é possível afirmar que os laços de identificação dos jogadores com os clubes e suas torcidas se tornam cada vez mais efêmeros.

Recusando a possível idéia de que essa seja uma crítica ufanista, levanto a importância da figura do ídolo na produção de eventos de massa como o futebol. É, em grande parte, por meio deles que o torcedor se identifica e se sensibiliza diante do espetáculo futebolístico personificando nesses sujeitos a sua paixão pelo seu clube. Segundo Helal e Murad (1995 In HELAL, 2001) os heróis são paradigmas dos anseios sociais e pelas narrativas de suas trajetórias de vida uma cultura de expressa e se revela. Eco (1979 In HELAL, 2001) completa ao afirmar que eles são a projeção da imagem dos anseios, desejos e temores dos indivíduos de uma comunidade em um determinado tempo e espaço.

Na lógica moderna do futebol, longe de ser dispensável, o ídolo se torna o principal produto desse mercado. Principalmente através deles os clubes valorizam sua marca, alegrando e quem sabe aumentando seu mercado consumidor - os torcedores -, e atraindo financiadores. Para além dos clubes, esses ídolos são ainda muito explorados como garotos-propaganda das mais diversas marcas, de produtos esportivos a roupas íntimas ou de grifes de luxo. De forma contraditória, assim, o mercado parece destruir o processo de construção desses ídolos no momento em que parece mais necessitar deles.

Patrocinadores e empresas de televisão são atualmente os grandes financiadores dos clubes. Ciente de seu poder, a mídia passou a ditar muito do que se passa no universo futebolístico. Suas decisões sobre os horários dos jogos são forte exemplo disso. Em outros esportes chegou até mesmo a mudar regras, como no vôlei em que o tie-break foi abolido de forma a tornar mais curta a duração das partidas. A

⁵ Chamo de enfraquecimento a perda de qualidade do espetáculo, uma vez que os melhores jogadores não estarão mais em nossos campos.



respeito dessas alterações do jogo Toledo (2002) traz uma reflexão interessante ao apontar que tais transformações nos jogos sempre ocorreram em função de variados constrangimentos sociais. Isso porque as manifestações são fruto dos “processos de inter-relação entre os atores, adequando as formas de jogar às emoções e apelos dos que as vivem como espectadores, ou aos interesses deliberadamente econômicos e políticos de investidores, tais como as mídias”. Dessa forma as mudanças não são inéditas no esporte, mas muitas delas evidenciam a superioridade da mídia na disputa de interesses e no jogo de poder dentro do universo esportivo⁶.

O futebol-mercado é realidade estabelecida e dentro desse universo milionário os casos de corrupção têm se mostrado recorrentes. Podemos citar o episódio da demissão de toda a equipe esportiva da Band em 1997 devido a acusações de que os jornalistas estariam agenciando jogadores, a CPI CBF-Nike e as tantas outras contra o presidente da CBF Ricardo Teixeira. Essas situações fazem parecer que o fair play e o amor a camisa são meras invenções publicitárias. A interrupção dos famosos casos de “viradas de mesa” nos últimos anos, que de forma irregular mantinha os times considerados grandes na primeira divisão do Campeonato Brasileiro mesmo quando eram rebaixados, parece mais fruto da modernização do futebol com intenção de mercadorizá-lo do que de uma conscientização e expressão de ética das entidades.

A corrupção não é o único motivo de incômodo que a modernização trouxe. As diversas modificações advindas da modernização do futebol provocaram um afastamento do torcedor de seu clube. Isso porque ao transformar os clubes em empresas eles perdem influência direta em suas decisões, são apartados desse seu espaço, sendo cada vez mais considerados apenas consumidores. Esse fenômeno é explicado por alguns estudiosos europeus através do conceito de *desposseção* (HOLLANDA, 2009).

Os estádios, antes templos da paixão clubística, passam por um processo de transformação em arenas multiuso. As arquibancadas ganharam assentos e o setor da geral foi extinto. O preço dos ingressos vem aumentado exponencialmente fazendo com que assistir a um jogo no estádio se torne um programa caro. O processo de elitização desse espaço parece óbvio.

Em contrapartida a esse investimento nas arenas pouco ou nada parece ser feito com relação à viabilidade do transporte até esses locais. O transporte público mostra-se insuficiente para suprir às demandas nos dias de jogos. Os torcedores que possuem veículo próprio acabam por utilizá-lo e o tráfego nas ineficientes vias é inevitável. Esses ainda são involuntariamente obrigados a pagar valores absurdos a *flanelinhas*⁷ para estacionarem seus veículos em no espaço público.

Entre pontos que podem ser apontados como avanços, cito a sanção realizada em 2003 do Estatuto de Defesa do Torcedor, documento que visa estabelecer normas de defesa e proteção do torcedor. Certamente é uma iniciativa necessária e relevante para a melhoria do atendimento ao público dos

⁶ É importante salientar a instabilidade das práticas de dominação e resistência, que são constantemente renegociadas por meio das práticas sociais. Um exemplo recente evidencia a fluidez das disputas de poder: o debate em torno dos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro. Ainda que haja possibilidade de manutenção do *status quo* percebeu-se um desequilíbrio ocasionado pelos tensionamentos entre os sujeitos e instituições envolvidos.

⁷ Flanelinha é o termo utilizado para se referir aos sujeitos que ficam em vias geralmente movimentadas cobrando pelo seu serviço de segurança de veículos estacionados, supostamente garantindo que ele não será roubado no momento de sua ausência. Vale pontuar que esse problema não é exclusividade dos eventos futebolísticos.



estádios. Muitas ressalvas, contudo, devem ser feitas quanto a sua qualificação. A primeira delas é quanto à ausência de qualquer representante dos torcedores na formulação do texto. Além disso, a pesquisa de Nicácio e colaboradores (2009) mostram que muitas determinações sequer são cumpridas ou são apenas parcialmente cumpridas. Eles averiguaram, também, o amplo desconhecimento da lei pelos torcedores, possível fruto da interrupção da divulgação nos anos seguintes à sua aprovação. Os autores ainda levantam que algumas deliberações não necessariamente visam beneficiar o torcedor, mas sim outros atores interessados como os meios de comunicação e os órgãos de segurança pública, por exemplo. Em 2010, foram realizadas adequações à lei, novamente sem a presença de torcedores.

As diversas questões apresentadas demonstram que o torcedor tem tido seus interesses cada vez mais ignorados em função do atendimento às imposições mercadológicas. São essas transformações que, em grande medida, motivam os diversos atos de resistência por parte dos torcedores. Diante de sua aparente fraqueza enquanto reivindicador emanou nesse grupo uma proposta de estratégia coletiva para equilibrar a balança de poderes do futebol: o associativismo.

O FUTEBOL, AS PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E A ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS TORCEDORES

A idéia de resistência pode ser esquematicamente dividida em duas vertentes: modernas e pós-modernas (RABY, 2005 In FREIRE FILHO, 2007). Na primeira, o poder é entendido como algo possuído pelo grupo dominante e é exercido contra o subordinado, que pode, por sua vez, resistir na tentativa consciente de tomar esse poder. Nessa lógica o poder tem caráter estável e os grupos, dominante e dominado, são claramente definíveis dentro de uma estrutura binária.

Já na compreensão pós-moderna o poder é visto enquanto fluxo construído a partir das relações, das práticas sociais. Rechaçando sua centralidade nas instituições – em especial no Estado -, ele é relocado na multiplicidade dos micropoderes, reconhecendo que ocupamos múltiplas posições de agenciamento.

Concordando com a segunda perspectiva, creio ser um equívoco considerar enquanto práticas de resistência no futebol somente aquelas organizadas institucionalizadamente, dentro de entidades representativas como a Associação Nacional dos Torcedores ou outras semelhantes.

As tensões, os conflitos e as diferenças que se estabelecem cotidianamente no futebol provocam constantemente seus atores a se posicionar, nos possibilitando evidenciar múltiplas formas de resistência. Freire Filho (2007) nos atenta, contudo, à complexidade da interpretação desses fenômenos evidenciando que não raro atitudes classificadas como resistentes podem apresentar outros significados a partir de um olhar amparado em outro referencial. Isso é possível devido às múltiplas posições de sujeitos que ocupamos simultaneamente e a “natureza fragmentada e entrecruzada de opressões e dominações”. Nesse sentido, a briga de um jovem com um torcedor do time rival pode ser considerada um ato de subversão perante o disciplinamento ou um ato de conformismo perante a imposição de um comportamento agressivo por seus pares.



Diante desse quadro entendo as formas associativas enquanto a emergência de uma negociação entre desejos individuais similares na tentativa de uma ação coletiva fortalecida. Essa organização não anula nem mesmo uniformiza os micropoderes que atuam tanto através da entidade quanto paralelamente a ela.

Uma boa observação sobre as dinâmicas de relação entre os atores sociais do futebol pode ser encontrada na obra “Lógicas do Futebol”, de Luiz Henrique de Toledo (2004). No trabalho, o autor busca compreender de que forma ritual e cotidiano dialogam no universo futebolístico categorizando para fins analíticos três grupos de atores sociais nesse fenômeno: os profissionais (jogadores, técnicos, dirigentes), os especialistas (jornalistas) e os torcedores.

Refutando a idéia estática, passiva e dicotômica do par dominante/dominado, o autor entende que não se pode afirmar que o comportamento de um é inteiramente ditado pela imposição do outro. Tratando especificamente do poder da mídia, ele enfatiza as possibilidades remodeladoras dos demais sujeitos envolvidos por meio de uma dinâmica relacional:

Ainda que a mídia filtre esse futebol e estabeleça com os torcedores uma relação mediatizada por discursos e aparatos tecnológicos persuasivos, a construção de tais relações entre esses atores só pode ser compreendida porque esse futebol também é de domínio de uma semântica popular, de senso comum. E que, de certo modo, tais poderes da mídia encontram seus limites justamente num jogo de representações nem sempre consensual, dos “cartolas” e patrocinadores poderosos, passando pelos próprios cronistas, aos mais humildes dos torcedores (TOLEDO, 2004, p.18)

Logicamente, não se pode deixar de reconhecer que nessa dinâmica existem vetores de poder desiguais, em que determinadas instituições e corporações possuem força desproporcional quando comparados aos “humildes torcedores”.

A Associação Nacional dos Torcedores surgiu, em outubro de 2010, a partir da crença de um grupo da necessidade da existência de uma entidade que representasse os torcedores de futebol, independente do clube para o qual torcem. Não é recente, contudo, a idéia da união desse grupo para defender seus interesses comuns.

Já é sabido que em 1968 alguns clubes do Rio de Janeiro se articulavam para a formação da Associação de Torcedores do Futebol Carioca (ATFC). Apesar de não terem sido encontrados dados a respeito da concretização de sua criação, isso demonstrava o interesse na criação de uma entidade em que torcedores de diferentes clubes pudessem trabalhar juntos em prol de interesses comuns, num momento em que a cordialidade entre líderes de torcidas organizadas (TOs) até mesmo de times rivais ainda era corriqueira (HOLLANDA, 2009).

A dinâmica das torcidas nessa época, contudo, estava em modificação. Foi no biênio de 1967 e 1968 que começaram a surgir no Rio de Janeiro as primeiras torcidas jovens. Até então cada clube possuía basicamente uma torcida organizada que possuía relação estreita com a diretoria.

A partir disso, as pequenas torcidas começaram a multiplicar-se nas arquibancadas, gerando novos padrões de convivência e de rivalidade. Isso não impediu que outras propostas semelhantes a da ATFC surgissem. Em trabalho de Bernardo Buarque de Hollanda (2009), uma comunicação da Força Jovem do



Vasco, no *Jornal dos Sports*, trata do convite à torcida para o ingresso na Organização Nacional de Torcidas Reunidas (ONTR), que visava englobar todas as maiores TOs do Rio de Janeiro e futuramente do Brasil. Nesse comunicado, é interessante notar que os motivos pelos quais o porta-voz da Força Jovem defende o ingresso na ANRT incluem questões relativas a oportunidades de lazer para os torcedores para além dos jogos, de segurança por meio de uma entidade responsável para responder pelos torcedores diante da polícia, e de uma possível educação dos torcedores, apontando como importante o fim dos palavrões nesses espaços. Não há, assim, para esse líder de TO um viés de reivindicação de melhorias do atendimento aos torcedores.

Novamente, a entidade não chegou a ser criada, mas uma série de associações de torcidas de um mesmo clube surgiu no período: Associação de Torcidas do Flamengo (ATORFLA), Movimento unido tricolor (MUT), Associação de Torcidas do Vasco da Gama (ASTOVA), Associação de Torcidas do Botafogo (ASTOB).

Durante os anos de 1979 a 1981 eram recorrentes as reclamações quanto ao aumento dos preços dos ingressos dos jogos. Nesse último ano, as torcidas se uniram no protesto, realizando boicotes e greves. A ação foi bem sucedida e os ingressos baixaram de preço.

Possivelmente impulsionados pelo movimento de união, e utilizando como base as associações de torcidas de um mesmo clube, foi fundada, em 1981, a Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (Astorj). A entidade teve influência e repercussão principalmente até o ano de 1984, nos quais foram organizados novos piquetes e boicotes pela redução do preço dos ingressos e outras reivindicações, mostrando que nesse período chefes de TOs foram capazes de articular esses interesses comuns apesar da rivalidade clubística. Sérgio Aiub, que já liderou a Torcida Organizada do Fluminense e a Organizada Jovem-Flu, afirma, contudo, que esses movimentos de união não passavam exclusivamente pela Astorj, sendo muitas vezes organizados entre os membros das TOs em dias de jogos (HOLLANDA, 2010).

No fim da década de 1980, contudo, o futebol acompanhou o incremento da violência urbana e as rixas entre facções de torcidas acabou sendo mais forte que os interesses em comum (HOLLANDA, 2008). A Astorj acabou oficialmente dissolvendo-se em meados da década seguinte.

Bernardo Buarque (2008) defende que a Astorj foi um esboço de “Sindicato do Futebol”, na tentativa de ser um órgão representativo para as reivindicações dos torcedores, seguindo o exemplo das Escolas de Samba. No Carnaval, entretanto, a rivalidade e o confronto são menos diretos e agressivos, dificultando o diálogo e a negociação entre os envolvidos. O autor aponta:

Se houve, ainda que tênue, essa aliança entre líderes de torcidas, dentro de um contexto histórico muito preciso, no início dos anos 80, com o redespertar da participação política e da mobilização civil na sociedade brasileira, eles não tinham uma base de apoio que os sustentasse. A garotada que integrava as torcidas sentia mais atração pela busca da briga do que pela circunscrição de uma pauta de interesses comuns.

Nesse sentido é interessante perceber como tanto o processo de agrupamento como o de desaglutinação e conflito, tanto dentro das TOs tradicionais, como nas torcidas jovens e nas associações



acompanham os anseios e conflitos do contexto específico em que se inserem. Dessa forma, ainda que semelhantes, Astorj e ANT apresentam uma série de distinções.

É considerando tais diferenças que a ANT parece acreditar que vinte anos depois, sob uma nova lógica de ação política, haverá torcedores que terão mais interesse em defender interesses comuns do que de brigar com seus rivais.

Certamente não há garantias. O que a ANT parece buscar é despertar o incômodo e o desejo militante para reunir um grupo que compartilhe de seus descontentamentos. Esses giram principalmente em torno de: 1) a elitização dos estádios – por meio de diminuição de suas capacidades, da extinção de setores populares e aumento do preço dos ingressos -; 2) da repressão às tradicionais manifestações das torcidas, da corrupção e irresponsabilidade da administração esportiva de clubes e federações; 3) do controle do esporte por redes de televisão – definindo tabelas e horários conforme seu interesse -; 4) das modificações urbanas com vista a preparação para os mega eventos que acontecerão no país – que não consideram as comunidades residentes nesses espaços; 5) da ineficiência do sistema de transporte em dias de jogos⁸.

A ANT defende ainda sua autonomia, mais especificamente seu caráter apartidário e a não vinculação a nenhuma TO. Dessa forma, ela pretende defender não outros agrupamentos, mas os torcedores enquanto um só grupo com interesses comuns.

O criador da entidade foi Marcos Alvito, professor da Universidade Federal Fluminense. Em entrevista concedida a um programa de rádio⁹, o fundador expôs que a centralidade de sua luta é a democratização do futebol, numa ação reflexiva em relação ao processo de elitização do futebol nacional, já em estado avançado em diversos países europeus. A estratégia organizada pelo grupo capitaneado por ele é baseada em duas frentes: o da conscientização e o da ação propriamente dita.

No âmbito da conscientização, chamada por Alvito de *guerra de informação*, o objetivo é despertar a atenção dos torcedores para a realidade do futebol brasileiro atual e apresentar a ANT, suas intenções e reivindicações. É feito também o convite para entrar no site da entidade e cadastrar-se enquanto membro. A importância da conscientização do torcedor já era percebido pela Astorj, que possuía uma coluna no *Jornal dos Sports* exclusivamente para seus informes (HOLLANDA, 2009). Já na ANT, não há um espaço reservado de forma constante, mas seus membros buscam apoios da mídia para que pontualmente haja algum tipo de divulgação da entidade em mídias de grande circulação (sites de jornalistas consagrados, programas de rádio e TV, jornais e revistas). Paralelamente também, esse trabalho ocorre por meio da divulgação virtual (site da ANT, blogs de membros, redes sociais, vídeos disponibilizados na rede) e presencial (em protestos organizados em dias de jogos e panfletagens).

⁸ No site da ANT (www.torcedores.org) são enumeradas as 7 metas da entidade que foram aqui enquadradas em cinco categorias.

⁹ Informações obtidas em entrevista ao Programa “Óbvio Ululante”, transmitido pela Rádio UFMG Educativa no sítio eletrônico www.ufmg.br/radio, em 21 de outubro de 2010.



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

O que se espera é que essas ações concretizem-se em um grande número de associados. Para Alvito, antes de buscar ações concretas é preciso que a ANT tenha expressão e difusão nacional e um grande número de membros é fundamental para tal.

Esse despertar para os problemas com os quais o torcedor convive parece fundamental uma vez que apesar de vivenciá-los cotidianamente ele é educado para naturalizá-los. A mídia muitas vezes silencia essas questões focando na discussão específica dos jogos e resultados, por meio do que Humberto Eco (1984) chama de “falação esportiva”.

Luiz Henrique Toledo (2002) chega a apontar uma categoria de jornalistas de postura mais engajada, dedicados a questões políticas do futebol¹⁰. Esses, contudo, apesar de tratar o tema nem sempre se posicionam de forma crítica e questionadora. As relações políticas, tanto declaradas quanto obscuras, entre os líderes de meios de comunicação, clubes e federações fazem com que as questões polêmicas envolvendo esses mesmos sujeitos ou entidades, quando não ignoradas, sejam tratadas com superficialidade por grande parte da mídia.

A título de exemplo, é inegável que o fato da principal rede de comunicação do país há anos deter os direitos de transmissão do campeonato brasileiro e dos jogos da seleção nacional limita as críticas aos dirigentes de clubes e da CBF. Sendo detentora da emissora de televisão mais assistida no país, além de grande número de emissoras afiliadas, canais de TV a cabo, jornais, revistas e sites têm-se a noção do cerceamento da informação que chega até os torcedores.

Na segunda frente de atuação da ANT, o da ação propriamente dita, Marcos Alvito propõe protestos, pressão política, projetos de lei, a busca do apoio de deputados, ações judiciais, entre outros.

Outras entidades semelhantes à ANT também estão atualmente em ação. É o caso da Confederação Nacional das Torcidas Organizadas (CONATORG), criada também em 2010 e de similares estaduais como a Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ)¹¹, por exemplo. No caso delas, contudo, as reivindicações são direcionadas aos interesses das TOs.

Evidenciou-se, assim, que ao longo da história diversos descontentamentos motivaram os torcedores a unirem-se em torno de causas comuns. Cada contexto, em seu tempo e espaço, ditou o formato da entidade, suas intenções e ações empreendidas. A dissolução dessas associações evidenciou que as diferenças geradoras de conflitos entre seus integrantes superaram a força agregadora que os mantinha enquanto grupo, retrato das características desse grupo e do conjuntura em que se encontravam.

Ainda que o sucesso desses empreendimentos possa ser questionado, fato é que são exemplos concretos da atuação política de torcedores no ambiente do futebol dentro de entidades que buscam

¹⁰ TOLEDO (2002) em sua pesquisa junto a cronistas esportivos apresenta três possibilidades de perspectivas da fala dos cronistas esportivos, chamados em sua pesquisa de especialistas. Um discurso identificado com a lógica do torcedor, provido de emoção e parcialidade, um discurso tecnicista, pragmático e distanciado e um discurso que prima pelas questões políticas que permeiam esse esporte, sendo mais engajado às mudanças e acontecimentos e dialogando com as elites dirigentes.

¹¹ Em seu site (<http://ftorj.wordpress.com/sobre/>) a FTORJ afirma inspirar-se no modelo da antiga Astorj.



resistir a imposições das lideranças notadamente mais fortes nas disputas de poder que ditam os rumos do futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção desse trabalho não foi analisar a efetividade das ações empreendidas pelas associações de torcedores nem tão pouco vislumbrar se a Associação Nacional dos Torcedores terá maior sucesso ou longevidade que suas antecessoras. O que se propôs foi a reflexão sobre esse viés político, atuante, resistente dos torcedores que ocorre por meio dessas entidades. Essas ações evidenciam como práticas de lazer, como o futebol, podem de fato concretizar-se em vivências de valores de contribuem para a reordenação da estrutura social vigente, no sentido da denúncia, da reflexão e do anúncio, conforme propõe Marcellino (2008).

Retomo a idéia da resistência enquanto processo de reinterpretação, negação ou alteração de conhecimentos e verdades pré-estabelecidos que normatizam e disciplinam o pensamento e o comportamento individuais, reconhecendo uma construção fragmentária das subjetividades dentro de um processo de fluxo de poderes (FREIRE FILHO, 2007).

É importante considerar que o fato da ação desse tipo de entidade resultar não no atendimento de suas reivindicações não as torna menos legítimas. O protesto não se desvaloriza uma vez que não obteve sucesso, uma vez que concretiza o desejo de evidenciar a insatisfação, de expressar o sentimento de revolta, de não se calar diante do que é imposto.

Espero, assim, que esse estudo colabore para a compreensão do lugar do torcedor enquanto ator e não mero espectador do futebol. Ator esse que grita gol, e também opina, reflete, contesta, que por vezes é visto como massa passiva mas que busca impor-se enquanto indivíduo atuante.

REFERÊNCIAS

- DAMO, Arlei. *Bons para torcer, bons para se pensar* - os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. Motus Corporis, vol 5, nº 2, p. 11-48, 1998, Editora Gama Filho
- DAMO, Arlei. *Futebol e Identidade Social*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2002. v. 1. 159 p.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma Sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DA MATTA, Roberto. et al. (orgs.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.



ECO, Umberto. A falação esportiva. In: ECO, U. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 220-226.

FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FREITAS, Marcel de A. *Apontamentos sócio-histórico-culturais sobre o futebol no Brasil e em Belo Horizonte, Minas Gerais*. Motrivivência, ano XVIII, n.27, p.73-98, dez. 2006.

GOMES, Christianne L. Verbete Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne L. (Org.). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.119-126.

HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria* / Ronaldo Helal, Antônio Jorge Soares, Hugo Lovisolo – Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Torcidas Organizadas de Futebol: entre memória e história. Anais do X Encontro Nacional de História Oral*. Testemunhos: história e política. Recife, 2010. Disponível em http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270491599_ARQUIVO_historiaoral1.pdf

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Torcidas jovens: da rebeldia à violência nos estádios*. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 27 jun. 2008. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1790> Acesso em 10 abr. 2011.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do Lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Sociedade: algumas aproximações* In MARCELLINO, Nelson Carvalho *Lazer e sociedade: múltiplas relações*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

NICÁCIO, Luiz Gustavo; SANTANA, Thiago José Silva; GOMES, André Silveira; ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Silvio Ricardo. *Campeonato Brasileiro de 2007: a relação do torcedor de futebol com o Estatuto de Defesa do Torcedor na cidade de Belo Horizonte – MG*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, p. 25-38, 2009.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.



Informações adicionais:

Endereço: Rua Guilherme de Almeida, 59/301 Bairro Santo Antônio, Belo Horizonte/MG.

Email: lucianaonice@gmail.com

Recurso necessário para apresentação: data-show